FILOSOFIA DA GASTRONOMIA

(A REVOLTA DOS ALIMENTOS)

Prefácio

Começo este livro com fome e principalmente por conta dela, que aumenta à medida em que procuro as palavras para este prefácio. É realmente dela própria que tirarei cada palavra, que ainda assim se expandirá numa aparente violação das leis de conservação. Não nos enganemos, tudo mata. Toda escolha nos aproxima da morte. Comer, esmigalhar o resto do mundo entre nossas mandíbulas, decompondo-o em suas ainda mais incompreensíveis partes, só nos afasta da morte no sentido em que nos aproxima dela pelo único outro caminho.

A gastronomia é um audaciosamente pacífico ato de rebeldia de um indivíduo que se descobre cercado por abismos, uma despretensiosa e sobretudo desnecessária coreografia de sabores, cores, aromas e sons. O gastrônomo se recusa a comer, pois isto seria um ato de esperança – esperança de ao esmiuçar o mundo em seu estômago ele descobrisse um sentido do qual pudesse deduzir algum tipo de imortalidade.

Ao invés de tentar extrair tempo como alimento para sua esperança de obter sentido, o “alimento rebelde” procura extrair tudo que é efêmero no mundo, tudo aquilo que é razão de querer existir mas que não parece ter qualquer razão de ser. Apenas o próprio absurdo de sua condição de existência o obriga a comer e sustentar o absurdo.

Ele se recusa a cooperar, apesar de antever a inutilidade de sua decisão.

A mítica do Jardim do Éden contém essa percepção do ato de comer como esperança de iluminação, de resolução do absurdo da existência. Se Eva foi tentada a tomar o fruto proibido é certo que existia nela uma não conformação. Apesar de parecer absurda ideia para um estado avançado de sociedade, comer ainda é um ato de esperança de não morrer.

É certo que a princípio todos os seres apenas são capazes de comer. Primeiramente comem por sua programação. Ao se descobrirem como alimento, o medo de aniquilação os motiva a comer ainda mais. Ao finalmente se frustrarem com isso, o ser deixa de comer. Colocando-se numa espécie de limbo,